

Instituto de Educação
Universidade do Minho

Relatórios de Observação

em Contextos Educativos

1º Ciclo do Ensino Básico

**E.B. 1 Quinta da
Veiga**

Uma escola de cidadania

Uma escola de qualidade



Índice

Introdução

Escola EB1-JI da Quinta da Veiga

Caracterização sumária da Instituição.....3

O Agrupamento de Escolas.....4

Contexto urbano, social e cultural.....4

A EB1-JI Quinta da Veiga

Contexto urbano, social e cultural.....4

A escola.....5

O Horário escolar.....5

Rotinas na sala de aula

Rotinas, para que vos quero?.....6

Observações na EB1/JI Quinta da Veiga

1º Dia de Observação – 8 de Maio de 2012

Turma 1º ano.....7

2ª Observação – 22 de Maio de 2012

Turma do 2º ano.....13

3ª Observação – 29 de Maio de 2012

Turma do 3º ano.....15

4ª Observação – 12 de Junho de 2012

Turma do 4º ano.....16

Algumas conclusões.....19

Bibliografia.....21

Introdução

*“O programa de uma escola não se reduz às
“disciplinas escolares” que ensina. A disciplina
principal de uma escola, vista sob o ângulo cultural, é
a própria escola. É assim que a maior parte dos alunos
a vive, e é isso que determina o sentido que ela tem
para eles”.*

Jérôme Bruner

A Lei de Bases do Sistema Educativo determina o carácter universal, obrigatório e gratuito do ensino básico, que deve «assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses» (artigo 7º).

O ensino básico constitui-se como uma etapa crucial no desenvolvimento da criança, preparando-o para uma intervenção útil e responsável na comunidade.

O presente trabalho reúne quatro observações realizadas entre 8 de Maio e 12 de Junho de 2012 na EB1-JI da Quinta da Veiga em quatro turmas do 1º ciclo, do 1º ao 4º ano de escolaridade.

Retratámos, aqui, aquilo que a nossa sensibilidade nos ditou e, também, aquilo que a nossa insensibilidade, para algumas questões do quotidiano escolar, ainda não permitiu.

Escola EB1-JI da Quinta da Veiga

I. Caracterização sumária da Instituição

Neste ponto pretendemos fazer uma breve caracterização da escola e do contexto urbano, social e cultural em que se insere, com base na informação oficialmente disponível, recolhida junto do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, e que também consta do Projeto Educativo TEIP2.

Julgamos a caracterização do contexto urbano, social e cultural importante (ainda que não explicitamente proposto nos objetivos deste relatório), na medida em que

é, através dela, que podemos compreender e melhor enquadrar alguns factos observados no contexto educativo.

1. O Agrupamento de Escolas

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches é uma unidade organizacional que integra uma escola com 2.º e 3.º ciclos, um estabelecimento com pré-escolar e seis escolas com 1.º ciclo, das quais três possuem também educação pré-escolar, todas situadas na zona urbana de Braga, nas freguesias de S. Vítor e de S. Vicente. O Projeto Educativo TEIP2 elaborado em 2009, e tendo como referência o ano letivo 2007/2008, dava conta que a maior percentagem de população escolar se encontrava na sede do agrupamento (54,4%) e nas EB1 das Enguardas (9,7%) e Quinta da Veiga (14,6%), (escola onde efetuamos a nossa observação), não havendo grandes oscilações nos últimos anos.

1.1.Contexto urbano, social e cultural

Este território educacional situa-se na área urbana de Braga. As unidades educativas deste agrupamento escolar estão inseridas numa área com influência próxima de bairros sociais, verificando-se a presença de uma população flutuante de imigrantes de múltiplas proveniências, cuja língua materna não é o Português.

Uma significativa parte dos alunos provém de famílias que vivem nestes bairros, com baixos recursos socioeconómicos e fraco acesso a bens culturais. Algumas destas famílias enfrentam, ainda, debilidades relacionadas com desemprego, toxicodependência, alcoolismo, baixa escolarização e outros.

Embora haja alguma heterogeneidade nas características sociológicas em que os estabelecimentos se inserem, são recorrentes as referências relativas à baixa escolarização dos agregados familiares, associadas ao desemprego ou a situações de precariedade social e económica.

2. A EB1-JI Quinta da Veiga

2.2. Contexto urbano, social e cultural

A escola situa-se na freguesia de S. Vicente, no concelho de Braga e está inserida numa zona urbana de construção recente, cuja população é oriunda, na sua

maioria, de outros concelhos do distrito de Braga e aqui radicada devido à maior proximidade do emprego e de equipamentos de apoio social. Um número pouco significativo de famílias com crianças em idade escolar é proveniente de África, do Brasil e da China.

A maior parte dos pais dos alunos trabalha no sector do comércio e serviços, havendo uma percentagem mínima que trabalha na indústria. Possui, em média, a escolaridade obrigatória e apenas uma percentagem reduzida concluiu o Ensino Superior.

2.3. A escola

O edifício escolar é composto por dois pisos e tem 10 salas de aula, sendo 7 para o 1º Ciclo e 3 para o Jardim de Infância. Possui uma biblioteca, duas salas de professores/educadores e respetivas instalações sanitárias, duas instalações sanitárias para alunos (masculina e feminina) em cada piso, uma cozinha, duas despensas, um salão polivalente e uma sala de apoio. O espaço exterior possui pequenos espaços relvados, um ringue desportivo, equipamento de parque infantil e algumas mesas e bancos em madeira. Não possui, no entanto, área coberta o que impede a realização de atividades de Educação Física quando as condições meteorológicas são adversas, facto que pudemos comprovar durante a realização das observações. Segundo o coordenador do estabelecimento, o professor José Alberto Leite, estão a ser movidas ações no sentido de reverter esta situação, uma vez que o espaço interior, onde têm que ser realizadas as brincadeiras da *“hora do recreio”*, em tempo chuvoso, começa a ser exíguo para as mais de 300 crianças que frequentam atualmente este estabelecimento de ensino. A estratégia adotada passa, muitas vezes, pela saída alternada das turmas para o intervalo.

Durante este ano letivo, as Atividades de Enriquecimento Curricular existentes foram a Educação Musical, Expressão e Educação Físico-Motora, Inglês e Apoio ao Estudo.

2.4. O Horário Escolar

A atividade curricular no 1.º CEB funciona em regime normal, ou seja, distribui-se pelo período da manhã (9h00-12h00, com intervalo de 30 minutos) e da tarde

(13h30-15h30, com intervalo de 30 minuto), interrompida para almoço, num total de 25 horas semanais.

As Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's)¹ funcionam em dois momentos:

- no período letivo anterior ao almoço;
- após a atividade curricular da tarde.

II. Rotinas na sala de aula

Neste ponto consideramos a descrição da rotina diária de cada uma das turmas, a organização dos conteúdos curriculares e programáticos abordados, os materiais pedagógicos bem como o registo de algumas observações e anotações constantes do *Diário de Campo*. Esta descrição é antecedida da caracterização do grupo de crianças, do espaço e dos materiais pedagógicos presentes na sala.

1. Rotinas, para que vos quero?

Numa perspetiva geral, e na linha de Vigotsky, podemos considerar as *rotinas* como um conjunto de práticas sociais regulares de ações e interações. Estas rotinas sócio-comportamentais são estruturadas por formatos e preenchem uma dupla função: *social* e *cognitiva*. A função social é externa, regula os comportamentos sociais dos atores, do duplo ponto de vista do objetivo a atingir, tendo por referência normas, e da forma de o conseguir, propondo formas, modos, socialmente aceites e comprovados como eficazes para atingir o objetivo pretendido. A função cognitiva é interna, sendo que as rotinas funcionam como organizadores da cognição, o ponto de vista da representação da tarefa e do seu modo de resolução.

Todas as rotinas, enquanto práticas sociais, são interiorizadas pelo indivíduo, e neste sentido, podemos observar nos contextos que é desta forma que o tempo e o trabalho escolar são organizados: a distribuição dos livros e dos cadernos no início da aula, a recolha do nome dos alunos que vão almoçar na escola, a sequência da leitura de

¹ Apenas foi possível observarmos a AEC de Expressão Musical, no período do final da tarde.

um texto, são tudo exemplos da utilização da rotina na organização e no trabalho escolar.

2. Observações na EB1/JI Quinta da Veiga

1º Dia de Observação – 8 de Maio de 2012

Turma 1º ano

- “Bom dia, somos alunas da Universidade do Minho. O professor José Alberto deve estar à nossa espera” -, dissemos nós timidamente à D. Emília que se encontrava, despachadamente, à porta para receber os pais que levavam os meninos para mais um dia de escola. As colegas que lá se encontravam, sorriram-nos da pequena salinha vidrada onde se encontravam com o professor José Alberto, o coordenador desta escola.

Cumprimentos feitos, fomos distribuídas pelos vários anos e pelas várias salas, sempre com o bom humor do professor José Alberto, que se viria a revelar a sua imagem de marca ao longo da nossa estadia lá. – “*Sejam felizes!*”, dizia ele, ao fim de cada distribuição.

A E.B.1/JI da Quinta da Veiga é uma escola de modelo P3, composta de um pavilhão, sem telhado, dois pisos, sendo que no rés do chão funcionam as salas do Jardim de Infância, 1º e 2º anos, sala de refeições, gabinete do diretor e casas de banho, e no primeiro andar, as salas do 3º e 4º anos, casas de banho, a sala dos professores, um átrio anexo para pequenas atividades e uma sala multiusos que é utilizada para atividades com as crianças, pequenas festas, visualização de vídeos e reuniões de encarregados de educação. A sala é ampla e a disposição do material é diferente de dia para dia, consoante a atividade que lá tiver decorrido: -“*Hoje a sala está assim um pouco desorganizada, com as cadeiras desalinhadas, porque ontem houve aqui uma festinha com uma das turmas*”, diz-nos o coordenador.

O acesso ao segundo piso tanto pode ser feito pelas escadas, como por uma rampa, pelo que não fica comprometida a acessibilidade a cadeiras de rodas ou macas dos serviços de emergência

Todas as salas desta escola têm a mesma configuração: não são muito amplas, têm grandes janelas e uma área de “banca de cozinha” com torneiras que serve para diversos fins, desde a realização de experiências, à lavagem das mãos e dentes, organização de algum material quotidiano, etc. Todas as portas das salas de aula dão

para um corredor onde as crianças, em dias de chuva, costumam brincar. Também é neste corredor que se encontram os cacifos que agora servem de apoio às salas do jardim-de-infância.

A nossa sala ficava no rés-do-chão, junto às salas do Jardim de Infância. Ao nos aproximarmos, notámos que na sala já se encontravam as crianças e a professora Conceição.

Neste primeiro dia, o nosso contexto de observação seria um 1º ano. A turma de 27 alunos ficara com 24 depois da mudança de residência de 3 crianças.

A professora Conceição apresenta-nos à turma:

- *“Hoje vamos ter connosco a presença da (e aponta para nós para que nos apresentemos) ...Rita... e da...Carla, que estão a estudar para serem professoras”.*

Sentamo-nos nas mesas ao fundo da sala, no meio dos alunos. Ah, voltar às carteiras da escola! Traz reminiscências e sentimentos com que não contamos: uma certa familiaridade, apesar de tantos anos decorridos; uma certa novidade porque, agora, os olhos que contemplam aquela sala, já não são os de uma criança (será?); uma certa marotice no sorriso quando observamos as crianças e identificamos a criança que, outrora, fomos.

No 1º ano ainda se nota a pouca predisposição das crianças para estarem sentadas *quietinhas* durante o tempo da aula: é uma inquietação, um reboliço; ora levanta, ora senta sobre o pé, ora escreve de joelhos; ora vai perguntar não-sei-o-quê ao colega do outro lado da sala. O facto é que, estar *sentado quietinho*, parece, nestas idades (que variavam entre os 6 e os 7 anos), *contranatura*. Durante o tempo de aula, são frequentes expressões como *“Senta direito”*, *“Vocês estão sempre a brincar!”*, *“Sempre com a cabeça na lua!”*, *“Nem falo contigo, portas-te mal!”*.

Nas paredes da sala estavam expostas regras, pósteres e cartazes (alguns feitos pelos alunos, outros visivelmente elaborados pelo professor, com um aspeto mais formal e organizado; alguns pósteres dentro de sacos de plástico) com o alfabeto, os ditongos, os números, as horas, a roda dos alimentos, as estações do ano, figuras e sólidos geométricos, moedas e notas, sílabas e palavras escritas com elas, alguns desenhos coloridos feitos pelos alunos, alusivos às quatro estações e ao Dia da Mãe.

As paredes ilustram e espelham práticas dos professores e as dinâmicas de grupo que se desenvolvem no espaço da sala, de modo que em certas salas podemos mesmo “ler” nas paredes as diferentes práticas dos professores; servem como um roteiro pelo

currículo, indicando os conhecimentos e as aprendizagens feitas pelas crianças ao longo do ano letivo.

A sala possuía a seguinte disposição:

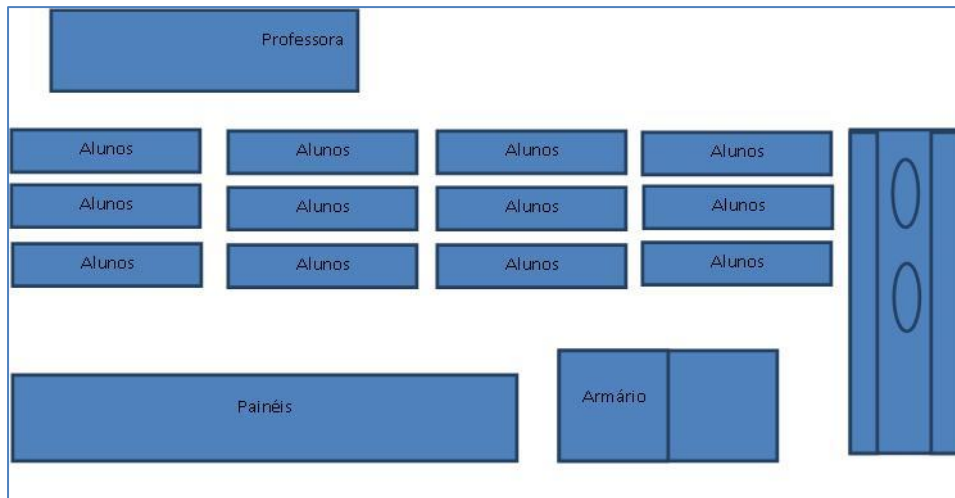


Imagem 1 – Sala de aula do 1º ano

- “ *Vamos começar com a língua portuguesa*”, diz a professora Conceição.

Segundo a planificação da professora, que já se encontrava esquematicamente no quadro, esta aula consistiria:

- Valor das sílabas -ar; -er; -ir; -or; -ur
- Formação palavra, Valor do R no início, no meio e no final da palavra
- Ar-er-ir-or-ur (princípio, meio e fim)
- Calendário do mês do Maio
- Recordar os meses do ano e a sua numeração

É importante referir que, nesta turma, existe uma criança de nacionalidade chinesa que, durante o tempo letivo de língua portuguesa, frequenta, à parte, Português Língua Não Materna (PLNM).

Segundo o Despacho normativo n.º 12/2011, de 22 de Agosto, para o Ensino Básico, os alunos que se encontram no nível de iniciação devem frequentar o PLNM, equivalente à disciplina de Língua Portuguesa, com a mesma carga horária desta disciplina, devendo

ser reservado um período de 45 minutos da carga horária semanal atribuída ao PLNM para trabalhar a língua portuguesa enquanto língua veicular das restantes disciplinas.

A professora Conceição explicar-nos-á, no intervalo, que o David tem bastantes dificuldades na língua portuguesa, uma vez que a língua não é falada no seio familiar. Este facto deixa-o bastante frustrado durante a leitura. Assistimos, inclusive, a um episódio em o David chora compulsivamente durante uma leitura. Não obstante, ainda segundo a professora, tem um raciocínio bastante rápido, sendo bom aluno a matemática.

A professora faz a leitura pausada do texto do livro de Língua Portuguesa intitulado o *Circo chegou à Cidade*, seguindo-se a leitura silenciosa feita pelos alunos, sem levantar a cabeça (*“Quem levantar a cabeça é porque não está a ler!”*).

Segue-se a leitura em voz alta onde é pedido a alguns alunos que leiam uma frase do texto, que todos devem seguir atentamente. - *“A Latifa não está a seguir a leitura, professora!”*, diz uma das crianças. - *“Precisamos de falar!”*, diz a professora, escrevendo o nome da Latifa no cantinho direito do quadro. Os alunos que têm o nome escrito no quadro são os que saem em último lugar para o recreio e têm direito a uma conversa com a professora. No entanto, a Latifa é convidada a continuar a leitura.

O intervalo acontece sempre por volta das 10h30. Habitualmente as crianças lancham ainda na sala de aula e só depois saem para brincar, no recreio, se estiver bom tempo, ou no corredor, se as condições meteorológicas assim o exigirem.

A professora fala com Latifa perguntando-lhe se se deitou muito tarde, porque parecia cansada e esteve desatenta durante a aula.

Durante o intervalo, a professora Conceição refere que se nota, pelas crianças, o ambiente familiar, se são, ou não, acompanhadas em casa, se têm horários, se são ajudadas nos trabalhos de casa...

.....2ª parte da aula.....

Na segunda parte da aula abordaram-se as medidas e o tempo, tendo como referência o calendário do mês de maio.

- *“Ouve, depois não sabes!”*, alerta a professora.

Mesmo durante a aula da matemática são recapituladas algumas das aprendizagens da aula de língua portuguesa dessa manhã. O calendário serve de pretexto para rever o -ar, -er, -ir, -or, -ur, através da sua identificação nos dias da semana. Também se aproveitar para exercitar algumas competências entretanto adquiridas como o cálculo e a contagem. Os aniversários de cada criança são aproveitados para serem localizados no calendário.

- *“Quem quer ser professor por um minuto? Vá, façam as perguntas que quiserem aos colegas acerca do calendário”*.

O almoço é ao meio-dia e uma das funcionárias entra na sala para avisar que *já está na hora de os meninos almoçarem*. Algumas das crianças almoçam na escola, que tem serviço de cantina, enquanto outras, vão almoçar a casa. O número de crianças que ficam para almoçar é recolhido, por uma das funcionárias, todos os dias, no início da manhã.

Período da Tarde

Tivemos oportunidade de ficar para o período letivo da tarde que tinha o interesse acrescido de ser seguido da AEC de Expressão Musical.

Depois de realizados alguns exercícios, ainda com o calendário, os alunos fazem um ditado.

- *“Decora a frase”*. A professora Conceição pede para eles memorizarem as frases em casa antes do ditado. Depois de realizado, são os próprios alunos que autocorrigem os próprios erros, com recurso ao manual, tendo que, seguidamente, escrever as palavras que erraram, três vezes.

A tarde também permitiu ver como estava a correr a experiência da germinação dos feijões e do grão-de-bico (com luz/com água, com luz/sem água, sem luz/com água) para depois assentarem as conclusões na aula de quinta-feira.

É tempo de falarem nas partes constituintes da planta em Estudo do Meio, começando pela exploração, com as crianças, a ideia que elas têm da sua constituição.

Cada menino que apresenta uma ideia, é chamado ao quadro para desenhar a planta e as suas partes constituintes.

Ainda a aula não tinha sido dada por terminada, bateu à porta a professora de Expressão Musical, para euforia daquela turma do 1º ano. Mas não estão dispensados sem antes levarem para TPC: *ler dez vezes o texto e resolver as questões*.

No final do dia, a professora Conceição explica-nos que as suas aulas são planificadas juntamente com a outra professora que também leciona o 1º ano e que os conteúdos são abordados ao mesmo tempo, apesar de cada uma ter o seu planeamento individual que, no caso da professora Conceição, está detalhadamente elaborado em quadros no seu dossier.

AEC de Expressão Musical

As Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) são atividades não curriculares disponibilizadas pelo Ministério da Educação a todos os alunos do 1º ciclo do ensino básico, regulamentadas pelo Despacho n.º 14460/2008 de 15 de Maio com as alterações introduzidas pelo Despacho n.º 8683/2011 de 28 de Junho.

As AEC foram criadas em 2005 com o objetivo de disponibilizar, aos alunos do 1º ciclo do ensino básico, o acesso a disciplinas de enriquecimento geral, complementares aos programas das disciplinas curriculares lecionadas e adaptando os tempos de permanência das crianças na escola às necessidades das famílias.

Na EB1 da Quinta da Veiga uma das AEC disponibilizadas é a Expressão Musical. A professora contratada é licenciada em Ensino Básico, mas este ano *está só a lecionar esta AEC*. Desenvolve com eles a afinação, a exploração de ritmos e músicas com o acompanhamento de coreografias muitas vezes propostas pelos alunos. – “*Muitas vezes, são eles próprios que me ensinam coreografias que aprendem no canal Panda*”. Fala ainda de um projeto seu em organizar umas marchas populares no final do ano, com o apoio de outros professores para a elaboração dos arcos.

....

Ao final da manhã, já nos tínhamos apercebido que não é fácil a gestão dentro de uma sala de aula; há momentos que escapam, muitas vezes, à perceção de um professor.

Como todo o tipo de aula de tipo transmissivo, a rotina diária é previamente planeada pelo professor, sendo igual para todos os alunos.

O professor apresenta as atividades a realizar aos alunos escrevendo-as no quadro. Esta atividade é considerada o início do trabalho diário, faz parte da própria rotina diária. Não há negociação e o plano do dia centra-se nos conteúdos escolares.

2ª Observação – 22 de Maio de 2012

Turma do 2º ano

A segunda observação foi feita no contexto de uma turma do 2º ano com 23 alunos.

A sala, apesar do mesmo tamanho da do 1º ano encontrava-se organizada de outra forma: a mesa da professora encontrava-se ao fundo da sala, onde se encontrava, também, uma mesa redonda com os livros e os cadernos dos alunos, que eram distribuídos pela turma, quando necessários, por dois alunos. O armário também continha material diverso dos alunos, também distribuídos diariamente. Nos placares o mapa de Portugal, sinais de pontuação, numeração até mil. As mesas, à semelhança da sala do 1º ano, encontram-se todas separadas e voltadas para o quadro.

O computador encontrava-se à frente onde é habitual encontrarmos a mesa do professor. No entanto, o computador dava alguns sinais de pouco uso (também já notada a falta de uso na sala do primeiro ano, quando a professora de Expressão Musical disse que os computadores deixam de dar de repente).

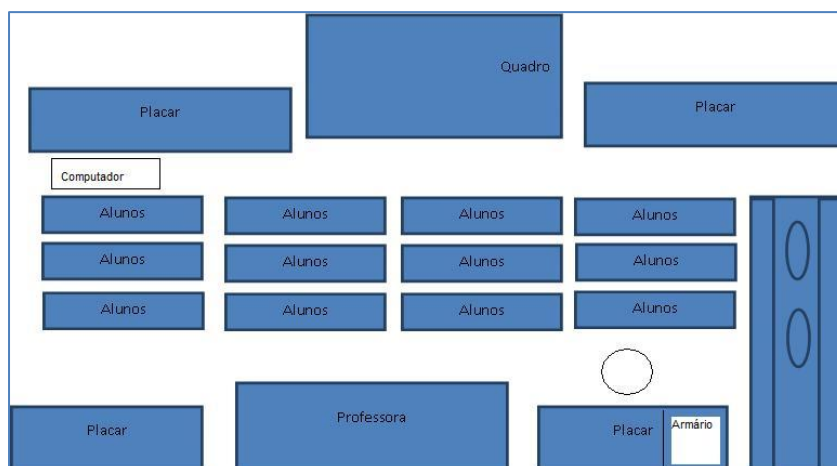


Imagem 2 – Sala de aula do 2º ano

A aula inicia-se com matemática, sendo o tema *Pesos e Medidas*. Quando entramos, a professora tinha alguns pacotes de açúcar à sua frente. A turma foi convidada a sentir o peso de um quilo pegando, à vez, no pacote de açúcar.

Pegando na analogia do bolo que fazem em casa, realizam em conjunto diversos cálculos mentais. Todos são incentivados a levantar o dedo. A professora diz que é uma turma muito perspicaz e que realizam, na grande maioria das vezes, cálculos mentais com muita facilidade.

O quadro negro começa a ganhar um arco-íris de cores com os desenhos e os cálculos que a professora vai realizando para explicar a relação entre gramas e quilogramas. – *“Repetir para meter na cabecinha”*, diz a professora Maria.

É sempre dada indicação para os alunos copiarem o que está escrito no quadro.

Os alunos de cada carteira são chamados para verem na balança os vários pesos de que estiveram a falar, colocando e retirando açúcar dos sacos de plástico, somando e subtraindo quantidades, até chegarem ao peso correto. – *“Tenho meio quilo, se retirar 150 gramas, fico com...”*.

Os sacos de açúcar são deixados pendurados no placar com pioneses para voltar a retomar o assunto no dia seguintes.

Depois da hora do intervalo, é quase sempre altura da “mediação de conflitos”: ora porque um empurra o outro que se arranha no joelho; ora porque o outro se portou mal na casa de banho, etc...

....Segunda parte da aula.....

“Será que consegues encher um balão sem o soprar?”

Foi o ponto de partida para a realização de uma experiência em Estudo do Meio, tendo-se aproveitado para falar acerca do ar.

– “O ar não tem cheiro, não tem sabor, mas está à nossa volta” (mostra a manifestação do ar no cabelo à medida que usa uma folha como leque) *e também dentro das garrafas*”.

Nesta experiência foram utilizadas 2 garrafas vazias congeladas (que a professora tinha pedido antes da aula começar na cozinha da escola e que um aluno foi buscar na altura da experiência); 2 garrafas, à temperatura ambiente; 2 balões.

Os balões são colocados nas garrafas congeladas e a professora pergunta à turma o que é que eles achavam que ia acontecer. A turma responde que o ar vai passar para os

balões. A professora coloca a garrafa congelada debaixo da água quente e todos, em reboição, dizem que era o calor a encher os balões.

Professora- *Por que é que a garrafa que estava à temperatura normal não encheu o balão?*

Rita tenta explicar: *“O ar fica com frio”*.

Só depois de realizada a experiência e chegada a algumas conclusões, é que o livro é distribuído pela turma e é lida a experiência e as conclusões que deveriam ser retidas.

Apesar de ser uma aula de cariz transmissivo, o ambiente revelou-se sempre bastante colaborativo, com a professora a solicitar a participação dos alunos, levando-os a pensar e a encontrar as soluções por si mesmos, mostrando, até, as diversas maneiras encontradas pelos alunos para resolver um mesmo problema.

Durante a observação que realizámos, verificámos que a situação mais frequente é a professora circular por entre os alunos. Talvez pelo teor experimental da aula, havia alguma liberdade de movimento por parte dos alunos ainda que controlado e devidamente organizado pela professora.

3ª Observação – 29 de Maio de 2012

Turma do 3º ano

Tratava-se de uma turma com 20 alunos, 1 com NEE.

O plano do dia já estava devidamente anotado no quadro quando entrámos na sala:

“Lição nº 155

Língua Portuguesa

- ler o texto “Um joguinho”
- resolver os exercícios das páginas 133 e 134
- resolver a ficha de trabalho do manual

Estudo do Meio

- dialogar sobre o que é a indústria e como funcionam

Matemática

- visualizar o calendário e responder a algumas questões
- resolver a ficha de trabalho com horas
- resolver as pág. 152 e 153 do manual

A professora começa por alertar para a possibilidade da realização, durante a aula, de um simulacro de incêndio. Revê algumas regras: na ausência do delgado é o subdelegado que vai à frente; recorda que tipo de toque vão ouvir; que é o Rodrigo que deve organizar a roda, com as mãos dadas e para baixo, no recreio; e que devem sair todos ordeiramente, em fila.

O Plano do Dia é devidamente passado para o caderno. Dá-nos a sensação que esta rotina diária pretende, de alguma forma, implicar os alunos nas atividades escolares que vão desempenhar ao longo do dia.

Apesar de o plano do dia se iniciar com a língua portuguesa, a aula começa com a matemática. Estão a dar as horas. A professora recorre a um relógio-brinquedo para fazer perguntas à turma sobre as horas e os minutos que indicam os ponteiros. Segue-se uma ficha de trabalho individual, com horas, para consolidação de conhecimentos. A professora anda pelas carteiras, tirando dúvidas aos alunos (que tentam por diversas vezes tirar dúvidas connosco também). A correção é feita no quadro.

O Carlos, um menino com NEE, fica sempre na fila da frente, junto ao quadro. É muitas vezes chamado à atenção pela professora por não estar atento e demorar a desempenhar algumas tarefas.

4ª Observação – 12 de Junho de 2012

Turma do 4º ano

Contrariamente ao planificado, a última observação não se realizou no dia 5 de Junho, mas sim no dia 12, por motivos de doença de um dos elementos do grupo.

A última observação foi inesperada e totalmente diferente do que tínhamos vivenciado, até aqui, nas últimas quatro semanas.

Ao chegarmos à escola, fomos recebidas pelo coordenador que, bem-humorado, como sempre, disse sorrindo: *“Hoje, tenho trabalho para vocês; Vou pô-las a trabalhar”*.

Não fazíamos a mínima ideia do que nos esperava. Aquele nosso último dia coincidia com o, também, último dia de aulas de uma turma do 4º ano.

Levou-nos até à sala, no andar superior, e apresenta-nos à turma do 4º ano dizendo que iríamos ser as “professoras da manhã”.

- “*E a professora?*” – pergunta alguém.

O coordenador explica que a professora iria estar a trabalhar num projeto da escola durante a manhã e que nós iríamos substituí-la.

E esta, hein?! Emudecemos e empalidecemos.

O professor José Alberto pergunta em que página ficara a professora no livro de língua portuguesa. Depressa escreveu umas perguntas no quadro sobre espécies em vias de extinção. O texto que deveriam ler, primeiro em voz baixa e depois em voz alta, falava sobre a ameaça de extinção do panda. Depois de lido o texto, deveriam responder às questões colocadas no quadro. Portanto, “plano da manhã” estava feito, só teríamos que segui-lo e orientá-lo.

Não é assim tão fácil quando passamos para o lado de lá.

Depois de lido o texto em voz baixa, alguém pergunta o que era o “*bambu*”. Ora, oportunidade perfeita para recorrermos ao dicionário, guardado no armário, e aos que estavam pousados nas carteiras. Alguém encontra o significado e pedimos para ser lido em voz alta:

- “*Que não está esticado; frouxo; lasso; que não está firme; instável; inseguro; sem forças; fraco*”... ”hummm... acham que este significado bate certo com o sentido do texto?”; e voltamos a ler: «*o panda alimenta-se de bambu que cresce...*».

- *Ele está a ler «bambo» e não «bambu», diz um colega.*

- *Pois, são palavras muito semelhantes na grafia e no som, e por isso podemos confundi-los. Chamam-se palavras parónimas, dizemos nós.*

Alguém também pergunta onde fica a «China» e a «Amazónia» de que o texto falava. Pegámos no globo terrestre que existia na sala para apontar.

Passamos à leitura do texto, em voz alta, e só o simples facto de pedir a alguém para ler, revelou-se uma dor de cabeça, já que todos queriam.

A turma tinha sido incumbida de passar as questões do professor José Alberto para o caderno. Esta simples atividade mostrou-nos que a gestão do tempo nem sempre é fácil: enquanto que uns já tinham acabado, outros mal tinham começado.

- “*Os que já terminaram de passar, podem começar a pensar e a responder às questões, para depois falarmos em conjunto sobre elas e debatermos um tema*

importante: a extinção de algumas espécies de animais. Alguém sabe o que «extinção» significa?”

- “Que os animais correm o risco de desaparecer”.

- “Como o tigre que tinha aqueles dentes grandes, com ’ó da Idade do Gelo.”

Uma vez que o tema já tinha sido abordado nas aulas anteriores e a turma já tinha algumas opiniões sobre o tema, decidimos partir das questões colocadas no quadro para realizar um debate sobre as espécies em perigo, a extinção e suas causas, formas de a evitar e qual o nosso papel na preservação da natureza e dos habitats. Criou-se um interessante clima de partilha de ideias.

O professor José Alberto aparecera, entretanto, para perguntar à turma se «os parabéns se cantavam antes ou depois do intervalo». Tínhamos uma aniversariante. E era habitual levar-se um bolo e algumas bebidas para serem cantados os parabéns.

A sala convertera-se rapidamente num espaço de celebração: uma mesa perto da janela, o bolo ao centro, copos e guardanapos distribuídos por todos que já se encontravam à volta da mesa. Cantam-se os *parabéns* à Mariana, distribuem-se beijinhos e algumas prendas que Mariana exhibe orgulhosamente. Reparámos que se tratava de um verdadeiro e genuíno momento de socialização, de partilha...de família, em grande parte proporcionado pelo coordenador que, completamente familiarizado com os mais de 300 alunos da escola, dá valor e faz questão que estes momentos se deem.

- “Vai lá levar o resto do bolo à sala dos professores”, diz ele.

No momento do intervalo, fomos convidadas a ir à sala dos professores. Nas três observações anteriores, não tínhamos lá ido, apesar das oportunidades. Preferimos ficar no recreio junto das crianças. Mas aquele dia era o último e a sala dos professores também era sítio que queríamos conhecer.

Os professores muitas vezes comunicam pouco entre si, quer pelo horário da escola quer pelas rotinas diárias e práticas que fazem os dias orbitar em torno da sala de aula. A sala dos professores parece quebrar a “lei do silêncio” que muitas vezes se impõe no *corre-corre* quotidiano.

A D. Emília punha a mesa para o lanche a meio da manhã, entre graçolas que se iam contando sobre a atual situação precária de docentes e não docentes:

- “Deixa lá,- dizia o coordenador para a psicóloga - *já te disse que no final deste ano te contrato para me ires dobrar as meias lá para casa. Mas só tens trabalho no período de Inverno, porque no Verão não uso*” (risos).

Oferecem-nos chá.

- “*E as marchas? Com este tempo estou a ver os arcos a ficarem desfeitos*”.

O pessoal docente conta com dois professores do 1º ano, três do 2º ano, três do 3º ano, e quatro do 4º ano, muitos deles contratados. As AEC são asseguradas por professores igualmente contratados. A professora de expressão musical é licenciada em ensino básico, mas não arranjou colocação. A professora de inglês tem curso de análises clínicas, mas tirou o curso de inglês no Instituto Britânico. Todos se encontram e passam pela pequena sala de professores que se vê do corredor do segundo piso.

Depois do intervalo, regressamos ao debate, desta vez com a presença do coordenador. É o último dia de aulas e impera a boa-disposição.

Fala-se sobre a importância da preservação da natureza na conservação das espécies, e o que tem sido feito para evitar que animais como o panda, o lobo e outros animais desapareçam.

Esta última observação deu-nos uma perspetiva diferente da conseguida nas três observações anteriores. Estivemos do lado de lá; e o lado de lá implica escolhas, tomadas de decisão sobre a melhor forma de aproveitar as potencialidades e as experiências de cada um, na construção do conhecimento e de aprendizagens significativas.

Algumas conclusões...

Existem diferentes práticas dentro da sala de aula, que implicam diferentes modos de organizar e viver a escola e o tempo escolar.

Pudemos observar que, apesar de cada sala de aula ter uma cultura interna própria, os professores têm algumas semelhanças de métodos e vivem semelhantes limitações no contexto educativo em que trabalham pelo que existem muitos pontos comuns entre as quatro turmas, dos diferentes anos, que observámos ao longo de quatro semanas.

No que observámos, os professores optam por aulas de cariz transmissivo em que as atividades diárias são planeadas pelo professor e comunicadas aos alunos, sem

envolvimento por parte destes. O professor apresenta muitas vezes as atividades aos alunos escrevendo-as no quadro, sendo esta atividade o início do trabalho diário, integrada na própria rotina da sala de aula.

Como já foi referido, parece-nos que esta rotina serve também para implicar e comprometer os alunos nas atividades que vão ser desenvolvidas ao longo do tempo letivo. No entanto, também é neste período que os alunos aproveitam para “falar para o lado” sobre outros assuntos, sendo, muitas vezes repreendidos. Nota-se, portanto, uma valorização do “copiar”, em vez do discutir e do perceber o porquê de aquelas aprendizagens serem significativas. Pensamos, também, que este tipo de abordagem, onde não há a colaboração nem a opinião dos alunos para a realização das atividades, que segue um plano previamente determinado, não deixa grande margem para a espontaneidade e para assuntos pertinentes que possam surgir no quotidiano das crianças.

A escola do 1º ciclo é um espaço e um tempo de construção do conhecimento, de alunos e professores. O conhecimento deve ser construído com base na experiência, no sentido de formar cidadãos críticos, criativos e autónomos: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a viver juntos, pois nem só de currículos vive a escola.

A observação nestes contextos educativos permitiu-nos um primeiro contacto com a organização escolar e a prática profissional do ensino do 1º ciclo. Deste primeiro contacto, levantaram-se reflexões sobre problemáticas acerca da organização do sistema educativo português, também levantadas e abordadas ao longo das aulas teóricas de CEPP.

No entanto, dado o nosso grau de incipiência relativamente a várias matérias no domínio da organização e administração escolar e pedagógica, acreditamos que muitas coisas ficaram por dizer, outras tantas, passaram-nos ao lado durante as nossas observações.

Bibliografia

Alonso, M. L. García (1994). *A construção do currículo na escola. Uma proposta de desenvolvimento curricular integrado para o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.

Sites

- Página do Agrupamento Dr. Francisco Sanches

<http://www.eb23-dr-francisco-sanches.rcts.pt/>

- Página da EB1/JI Quinta da Veiga

<http://www.eb1-qt-veiga.rcts.pt/>

- Ministério da Educação e Ciência

<http://www.dgidc.min-edu.pt/outrosprojetos/index.php?s=directorio&pid=155#i>

http://sitio.dgidc.minedu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/612/Prog%20_1CicloEB.pdf

<http://www.dre.pt/pdf2s/2011/08/160000000/3447834479.pdf>

Outras fontes bibliográficas

- Apontamentos das aulas de CEPP material de apoio facultado no âmbito da disciplina